



DA ORALIDADE À ESCRITA: IMPACTOS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO PIBID

Jheniffer Caroline Santos Souza¹

Resumo: O estudo analisa os impactos da contação de histórias no processo de alfabetização de crianças da Educação Infantil, enfatizando a transição da oralidade para a escrita e a importância da literatura infantil como recurso pedagógico. A pesquisa foi desenvolvida no contexto do PIBID, por meio de observações em uma turma de Pré-II de escola pública e em atividades realizadas no CELLIJ, envolvendo registros de campo, regência da estagiária e acompanhamento de propostas mediadas pela professora e pelos bolsistas. A metodologia, de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, buscou compreender as interações das crianças com as narrativas, suas hipóteses de escrita e os processos de construção de sentidos. Os resultados evidenciaram que a contação de histórias, quando realizada de forma expressiva, interativa e sistemática, favorece o desenvolvimento da atenção, da criatividade, da imaginação e da oralidade, criando bases para a alfabetização inicial. Atividades como rodas de conversa, recontos, desenhos e produção de livros individuais mostraram-se eficazes para ampliar o vocabulário, estimular a escuta e promover a compreensão textual, além de despertar o gosto pela leitura. A discussão aponta que o papel mediador do professor é fundamental para que esses momentos se consolidem como experiências significativas, capazes de integrar afetividade, cognição e expressão. Conclui-se que a literatura infantil, especialmente por meio da contação de histórias, constitui uma ferramenta potente para a formação integral da criança, fortalecendo não apenas a alfabetização, mas também a construção de sujeitos críticos, criativos e socialmente participativos.

Palavras-chave: Contação de histórias. Oralidade. Alfabetização. Escrita. Pibid.

¹ Souza () Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT-UNESP). Presidente Prudente, SP, Brasil.
e-mail: jheniffer.caroline@unesp.br

INTRODUÇÃO

O ato de contar histórias está presente desde a pré-história, muito antes da invenção da escrita, quando o ser humano usava figuras rupestres e narrava histórias em torno de fogueiras para seu povo. Porém, a literatura infantil surgiu apenas no século XVIII, época em que a criança passou a ser vista como um ser com características e necessidades próprias e não um adulto em miniatura. O principal destaque desse período foi o francês Charles Perrault, que vendo a necessidade de textos diferentes dos adultos, passou a adaptar contos e lendas da Idade Média, formando os contos de fada.

Logo, a literatura infantil passou a ser um recurso essencial nas contações de história para as crianças. Nesse sentido, Vitor e Santos (2017) explicam que cada narrativa transmite valores e saberes no processo de ensino e aprendizagem, já que elas funcionam como formas de expressar nossas experiências e demonstram nossa capacidade de contribuir para a formação de cidadãos. Assim, as contações de histórias contribuem para a criação de vínculos sociais, educativos e afetivos.

Além disso, o uso da linguagem em cada narrativa envolve uma série de fatores psicológicos, como imaginação, criatividade, atenção, memorização, dentre outros. Esses aspectos estão intimamente ligados a oralidade que, segundo Estrella e Sousa (2021), é o primeiro contato elaborado com a linguagem, já que em diversas culturas a identidade do grupo era preservada por contadores de histórias, cantores e outros mensageiros, que atuavam como verdadeiros guardiões da memória coletiva. Logo, essa memória foi sendo transmitida ao longo das gerações, consolidando-se como patrimônio imaterial de uma comunidade.

Desde antes do nascimento, a criança já possui contato com a língua falada, por meio dos critérios da língua materna que possui acesso, mas, quando a criança chega na escola, passa a ser exigido dela o domínio da língua escrita, fato que pode gerar tensões dependendo da forma com que os novos conceitos são apresentados. Assim sendo, é dever da escola e do professor mediar os pequenos no universo literário, com a promoção de situações de interação com a linguagem de forma lúdica e significativa.

Por meio de observações feitas em uma turma do Pré-II e das contações de história no CELIJ (Centro de Estudos em Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva”) na FCT-UNESP (Faculdade de Ciências e Tecnologia) no contexto do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), foi possível observar as relações entre a contação de histórias e a oralidade no processo de alfabetização. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar os impactos da contação de histórias no processo de alfabetização, investigando como essa prática favorece a oralidade, a imaginação e as primeiras produções escritas das crianças da Educação Infantil, além de compreender de que forma elas constroem narrativas, registram suas ideias e contam com a mediação do professor na transição da oralidade para a escrita.

A pesquisa justifica-se pela relevância da literatura infantil como recurso pedagógico que amplia o repertório linguístico das crianças e contribui para sua inserção no universo da leitura e da escrita. A contação de histórias, além de despertar o prazer pela leitura, possibilita a construção de sentidos, o desenvolvimento da imaginação e a valorização das diferentes formas de expressão. Desse modo, refletir sobre a passagem da oralidade para a escrita na Educação Infantil permite destacar a importância do papel do professor e de práticas que valorizam a construção coletiva de saberes. Logo, o estudo pretende contribuir com discussões acerca de metodologias que unem literatura, oralidade e alfabetização, reforçando a contação de histórias como um caminho potente para a formação de leitores e escritores críticos.

METODOLOGIA



O estudo foi realizado em uma turma de Pré-II, composta por crianças com idade média de 5 anos, em uma escola da rede pública. Trata-se de uma turma bastante desafiadora, pois reúne diversas crianças com dificuldades de aprendizagem e alunos atípicos, o que demanda grande dedicação da professora e de seus agentes de apoio. Além disso, o estudo incluiu atividades observadas no Centro de Leitura e Literatura Infantil e Juvenil “Maria Betty Coelho Silva” (CELLIJ), no âmbito do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência). Nesse espaço, os bolsistas do programa recebem alunos de diferentes escolas participantes do projeto Cidade Escola de Presidente Prudente, proporcionando momentos de contação de histórias e a oportunidade de conhecer a universidade. Em geral, as crianças atendidas pelo projeto Cidade Escola são oriundas de famílias periféricas, cujos pais são, em sua maioria, trabalhadores.

A coleta de dados desta pesquisa foi realizada por meio de observações sistemáticas e da prática de regência da estagiária na turma do Pré-II, bem como através do acompanhamento das atividades promovidas no CELLIJ. As observações ocorreram em contextos diversos, priorizando momentos de contação de histórias, interações entre as crianças e a mediação pedagógica realizada durante as atividades. Todos os dados observados foram devidamente registrados em relatórios diários de estágio, tanto da rotina da turma do Pré-II quanto das sessões de leitura no CELLIJ. Nesses registros, destacaram-se aspectos relevantes, como as interações orais entre as crianças, os níveis de participação nas atividades propostas e as produções orais e escritas que emergiram dessas experiências.

A pesquisa configura-se como um estudo de caso, uma vez que foi desenvolvida diretamente nos espaços educacionais mencionados, inserindo-se no cotidiano das crianças e respeitando os tempos e dinâmicas do ambiente escolar e do espaço de leitura. Nesse sentido, Santos, baseado nos estudos de Robert Yin, explica: “Yin afirma que o estudo de caso é aplicado com o objetivo de se compreender os diferentes fenômenos sociais, em que não há uma definição substancial sobre os limites entre o fenômeno e o contexto.” (Santos, 2011, p. 345). Dessa forma, o objetivo central do estudo foi compreender de que maneira as práticas de contação de histórias contribuem para o desenvolvimento da oralidade e para o processo de apropriação da escrita pelas crianças.

Trata-se de uma investigação de natureza qualitativa, pois prioriza a compreensão profunda dos fenômenos educativos, valorizando as percepções, os significados e as relações estabelecidas entre os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem mediado pela literatura infantil. A abordagem qualitativa permite interpretar os dados de forma contextualizada, considerando a complexidade das interações sociais e cognitivas que emergem no ambiente educativo.

Além disso, a pesquisa possui caráter exploratório e descritivo. É exploratória na medida em que busca levantar informações e compreender de forma mais ampla um fenômeno ainda pouco estudado em sua especificidade – o impacto das contações de histórias no desenvolvimento da linguagem oral e escrita em crianças da Educação Infantil. É descritiva porque se propõe a observar, registrar, analisar e descrever os comportamentos, as falas, as hipóteses de escrita e as manifestações de aprendizagem das crianças ao longo das atividades.

A análise dos dados foi conduzida com base em uma abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa. Os registros foram organizados em categorias temáticas previamente definidas, a saber: oralidade, hipóteses da escrita e alfabetização inicial. Essas categorias foram analisadas à luz dos referenciais teóricos que fundamentam este estudo, permitindo uma articulação entre a prática observada e os conceitos desenvolvidos por autores como Emília Ferreiro e Ana Teberosky, no que se refere às fases da aquisição da escrita; Fanny Abramovich e Ilan Brenman, no campo da literatura infantil e da contação de histórias; Lev Vygotsky, cujas contribuições sobre o desenvolvimento da linguagem e a aprendizagem social são



fundamentais; Magda Soares, com suas reflexões sobre alfabetização e letramento; e Paulo Freire, com sua perspectiva crítica e libertadora da educação. O diálogo com esses autores proporciona um embasamento teórico sólido para a análise das práticas observadas, conferindo rigor e profundidade à interpretação dos dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

CONTAÇÕES DIÁRIAS NA TURMA DO PRÉ-II

Os estágios na turma do Pré-II, como bolsista do PIBID, acontecem sempre às quartas-feiras pela manhã, das 7h às 11h. Nesse período, a rotina das crianças é bem estruturada: as atividades iniciam-se com a recepção feita pela professora e um tempo destinado às brincadeiras livres. Em seguida, após o café da manhã, os alunos se organizam em roda para cantar a música do “Bom dia”, ler, contar a quantidade de presentes e dançar músicas infantis. Posteriormente, realizam uma ou duas atividades propostas pela docente e, após o almoço e a finalização dos exercícios, seguem para o momento de brincadeira no pátio.

A contação de histórias integra a rotina diária da turma, o que contribui para que as crianças construam o hábito da leitura e, conseqüentemente, também desenvolvam interesse pela literatura infantil. Nesse sentido, na obra “A importância das histórias” o autor diz: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...” (Abramovich, 1989, p.16).

Logo, criar uma rotina diária de contações de história na sala de aula é essencial para que a criança comece a explorar o mundo a partir da literatura infantil, pois a partir da oralidade presente na contação que ela passa a conhecer o espaço que a cerca e se torna capaz de compreender as diversas experiências existentes no mundo. Esse contato frequente com diferentes narrativas possibilita não apenas a formação do gosto pela leitura, mas também a ampliação do repertório cultural e linguístico, favorecendo a imaginação, a criatividade e a construção de sentidos sobre a realidade. Assim, ao ouvir histórias todos os dias, a criança desenvolve um olhar mais sensível e crítico para o mundo, ao mesmo tempo em que se apropria da linguagem literária como ferramenta de comunicação, expressão e aprendizado contínuo.

Um aspecto importante é que no período em que a turma ainda não era acostumada com a leitura, tinham dificuldade para se concentrar na explicação da professora e se dispersavam rapidamente de qualquer livro que fosse oferecido. Tal exemplo serve para reforçar como a rotina é de suma importância para que a criança se acostume e se interesse aos poucos pela literatura infantil. Além disso, esse fato também mostra como as narrações podem ajudar os pequenos a desenvolverem competências como a paciência e a atenção. Nesse sentido, é importante que haja o estímulo de ouvir histórias desde bebê ou até antes, pois contar histórias é um ato de amor e a mãe pode transmitir esse amor para o filho mesmo no ventre, mesmo que os bebês não falem, eles estão em desenvolvimento e as histórias são fundamentais para eles compreenderem o mundo a sua volta (Silva, 2021, p. 2). Por isso, a leitura e a contação de histórias favorecem o desenvolvimento cognitivo ao mesmo tempo que fortalecem os vínculos afetivos essenciais na infância.

O momento das contações na turma do Pré-II sempre se iniciam com a docente fazendo uma breve contextualização do que será apresentado. Nesse momento, ela costuma instigar a curiosidade das crianças apresentando a capa do livro e fazendo perguntas sobre os elementos que ali aparecem. A partir disso, a turma começa a levantar hipóteses sobre o que pode acontecer no decorrer da narrativa, quem são os personagens, quais funções eles ocupam na história, qual tema principal da obra, dentre outros. Em seguida, ocorre o momento principal: a leitura da obra, onde a educadora lê sempre carregada de entonação e expressividade em cada



frase, mostrando as ilustrações aos alunos e realizando perguntas sobre o texto; durante esse processo, os pequenos fazem comentários do livro e tentam responder as perguntas da docente.

Um exemplo para ilustrar, na prática, como os momento de contação ocorrem, foi a leitura da história da “Mula Sem Cabeça”. Primeiro, a professora explicou aos alunos o que é uma mula e deixou que eles comentassem um pouco os possíveis motivos que levaram a mula a ser uma “mula sem cabeça”. Posteriormente, ela realizou a leitura e, durante esse momento, a maioria das crianças ficou muito animada e pediu para ver as figuras do livro, alguns comentaram coisas sobre como a história era assustadora e, outras, ficaram impressionadas com a ideia de uma mula cuja cabeça é de fogo, já outros, sentiram pena do personagem. No final, a obra ainda continha a cantiga popular “Samba Lê Lê”, um “O que é? O que é?” e um trava-língua, que as crianças adoraram e tentaram ao máximo cantar e responder tudo corretamente. Às vezes, a empolgação deles era tanta que a turma inteira começava a responder todos juntos e era necessário que a professora intervisse, pedindo que falassem um de cada vez, para que ela compreendesse o que estavam dizendo.

Diante o contexto apresentado, a leitura desempenha um papel de interação entre o leitor e o autor, o que permite a construção de sentido do texto. Nesse sentido, Magda Soares em “As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto” explique que:

Leitura [...] é interação verbal entre indivíduos, e indivíduos socialmente determinados: o leitor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e com os outros; o autor, seu universo, seu lugar na estrutura social, suas relações com o mundo e os outros (Soares, 2000, p. 18).

Logo, é pela leitura que o docente é capaz de servir como mediador na construção de sentidos, despertando nos alunos o interesse por ela e favorecendo o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e afetivas essenciais à formação de leitores críticos e participativos. Ao assumir esse papel, o professor possibilita que a criança compreenda o texto para além de sua superfície, relacionando-o às próprias vivências e ao contexto em que está inserida, o que contribui para a formação de sujeitos mais reflexivos e autônomos. Dessa forma, a leitura deixa de ser uma prática isolada e passa a constituir-se como um processo contínuo de interação e aprendizagem, em que o aluno amplia seu vocabulário, exercita a capacidade de interpretação e fortalece sua inserção social por meio da linguagem.

É importante que o professor haja como um mediador durante as contações de história. Diante essa perspectiva, Silva (2021) aponta que é importante utilizar sons e movimentos, já que a maioria das narrativas infantis envolve vozes de personagens, animais ou pessoas. Assim, cabe ao contador observar atentamente esses elementos e interpretá-los de forma expressiva, pois isso enriquece a narrativa, prende a atenção das crianças e estimula sua imaginação por meio de gestos, expressões corporais e sonoridades, da mesma forma que a professora da turma do Pré-II costuma fazer com seus alunos.

Ademais, assim como observado na turma do Pré-II, durante a narrativa é necessário que haja abertura para que as crianças possam expor seus pontos de vista sobre a história, uma vez que a linguagem oral, o diálogo e a interação entre professor e aluno são elementos que devem estar presentes em toda contação de histórias. Nesse sentido, Estrella e Sousa (2021) destacam que esse diálogo precisa ser desenvolvido, primeiramente, de maneira leve e espontânea, em rodas de conversa informais ou sobre temas que despertem o interesse dos alunos. Nesses momentos, a escuta atenta das falas dos colegas e da professora devem ser exploradas. Portanto, a contação de histórias se consolida como um espaço de construção coletiva do conhecimento, no qual a oralidade vai além da simples fala, possibilitando às crianças exercitar a escuta, a troca de ideias e o respeito ao outro, aspectos fundamentais para seu desenvolvimento linguístico e social.



CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PRÉ-II

A contação de histórias possibilita o desenvolvimento de várias atividades pedagógicas que contribuem com a aprendizagem das crianças. Embora o intuito da Educação Infantil não seja alfabetizar, mas sim desenvolver integralmente a turma em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectuais e sociais, as crianças possuem um breve contato com a alfabetização por meio do ambiente lúdico que as aproxima da escrita. Tais condições acabam por preparar os pequenos para adentrarem o Ensino Fundamental com mais segurança. Logo, todas as atividades desenvolvidas na turma do Pré-II a partir das contações de história possuem um caráter divertido, mas que cumpre um papel essencial na formação completa dos pequenos.

A partir da literatura, a professora desenvolve diversas atividades com as crianças, como desenhos, rodas de conversa, músicas, cantigas relacionadas à história, dentre outras. Uma das atividades que merece atenção foi realizada a partir da obra “O Gato Xadrez”. Nela, a docente construiu, junto com cada criança, um livro em folhas de cartolina que recontava essa narrativa. Ao longo das aulas, a turma trabalhava com trechos diferentes da história. A professora explicava cada parte do texto e colava o pequeno trecho na parte superior das cartolinas dobradas em formato de livro. Em seguida, a turma preenchia aquele fragmento da narrativa com elementos da história, utilizando diferentes recursos, como desenhos e colagens. Por fim, todas as partes da cartolina foram reunidas, formando o livro individual de cada aluno sobre a obra.

A atividade de construção do livro a partir da história pelas crianças permitiu a exploração de várias habilidades ao longo das aulas. Foi observado, por exemplo, a capacidade de interpretar e compreensão textual das crianças quando, em um trecho específico da obra, é dito que o gato caiu do telhado e a turma precisou desenhar esse momento no papel. Além disso, a expressão artística, coordenação motora fina, a imaginação, criatividade e a capacidade de relacionar a sequência lógica dos fatos do começo ao fim, foram capacidade trabalhadas no decorrer desse exercício.

Outro aspecto a ser considerado é que a interação com o texto escrito, ainda que inicial, ajuda as crianças a compreenderem a função social da escrita e reconhecer palavras e frases. Prova disso é que, em atividades posteriores de escrita, a maioria das crianças já sabia escrever a palavra “Gato” ou, no mínimo, reconhecer alguns sons. Nesse sentido, Mendonça e Mendonça (s.d) explicam que a escrita é uma construção ativa e significativa, fruto de um sistema de representação elaborado historicamente pela humanidade e pela criança em processo de alfabetização, ainda que ela não precise reinventar letras ou números. Nesse percurso, a criança alfabetiza a si mesma e inicia essa aprendizagem antes mesmo de chegar à escola, prolongando-a para além da ação pedagógica.

Assim, é fundamental que a escola ofereça situações diversificadas de leitura e escrita, nas quais o professor atue como mediador, criando ambientes ricos em linguagem e em experiências significativas. Tais práticas possibilitam que os alunos desenvolvam não apenas a capacidade de compreender, interpretar e produzir textos, inserindo-se de maneira efetiva no universo da cultura escrita. Dessa forma, o processo de alfabetização ganha sentido social e pedagógico, tornando-se um instrumento para a formação de sujeitos autônomos, críticos e capazes de utilizar a linguagem em diferentes contextos.

As rodas de conversa e a explicação da professora também serviram como estímulo a escuta atenta e a expressão oral das crianças, uma vez que além de compartilharem suas ideias e trabalhos com a docente, elas também faziam isso entre si, mostrando seus trabalhos e discutindo sobre a história. Diante esse cenário, Estrella e Sousa (2021) salientam que é por meio das relações estabelecidas no ambiente social em que a criança está inserida que se inicia



a internalização de conceitos, os quais possibilitam a formação de seu pensamento e, conseqüentemente, o desenvolvimento da oralidade. O processo linguístico de cada uma, com sua maior ou menor capacidade de comunicação e de uso eficaz da língua, é influenciado por sua constituição psíquica, física e pelas oportunidades de interação social que vivencia. Dessa forma, quanto mais estímulo oral a criança receber, mais serão as chances de um desenvolvimento linguístico bem-sucedido e, conseqüentemente, mais altas serão as chances de um bom desenvolvimento da escrita e uma boa alfabetização.

Outra atividade que também merece destaque foi realizada a partir da obra “Bruxa, Bruxa, venha a minha festa” de Arden Druce. A leitura da obra não foi feita pela docente, mas sim pelo aluno estagiário, contudo a experiência aplicada na sala foi desenvolvida pela professora. Na presente experiência, os alunos deveriam desenhar em seus cadernos personagens que eles gostariam que tivessem ido à festa ou desenhar o personagem do livro que eles mais haviam gostado na história. Essa ação serviu para identificar as preferências e interpretações individuais de cada criança em relação à narrativa, além de possibilitar a expressão da criatividade e da imaginação por meio do desenho. Ao escolherem e representarem personagens, as construíram sentidos pessoais sobre a história, fortalecendo a relação entre literatura, oralidade e expressão artística.

Nesse contexto, é possível perceber que atividades como essa potencializam a imaginação, compreendida por Vygotsky como a base de toda atividade criadora. Para o autor,

Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível a criação artística, a científica e a técnica. Nesse sentido, necessariamente, tudo o que nos cerca e foi feito pelas mãos do homem, todo o mundo da cultura, diferentemente do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana que nela se baseia. (Vygotsky, 2009, p. 14).

Dessa forma, ao desenharem personagens da narrativa exercitaram uma capacidade criadora que ultrapassa os limites do espaço escolar. Isso significa que a imaginação, mobilizada por meio da arte e da literatura, torna-se um recurso fundamental para que a criança construa novas formas de compreender o mundo, expressar sentimentos e elaborar pensamentos.

Além disso, o exercício criativo promove uma ponte entre o conhecimento vivido e o conhecimento compartilhado, permitindo que os alunos percebam a relação entre suas produções e os processos mais amplos de construção cultural e social. Portanto, o simples ato de desenhar personagens adquire um caráter pedagógico profundo, pois estimula a inserção da criança em um universo simbólico mais amplo, no qual a literatura se conecta diretamente às práticas humanas de invenção, produção e transformação cultural.

REGÊNCIA NA TURMA DO PRÉ-II

A regência realizada na turma do Pré-II foi organizada em três etapas principais: inicialmente, ocorreu a leitura da obra “Este livro comeu meu cão”, de Richard Byrne; em seguida, propôs-se uma atividade de identificação de palavras simples presentes no texto, que posteriormente foram coladas em um cartaz; por fim, as crianças tiveram a oportunidade de se reunir em grupos para representar, por meio de desenhos nesse cartaz, as compreensões que elaboraram acerca da narrativa. O foco dessa atividade está em analisar diversos elementos que compõem o processo de aprendizagem, tais como o incentivo ao trabalho coletivo e à expressão artística, a ampliação do contato com a língua escrita e o desenvolvimento das hipóteses sobre a escrita, além do estímulo à oralidade e da capacidade de relacionar imagens e palavras.



No início da atividade, a estagiária organizou as crianças em roda, da mesma forma que a professora costuma fazer, e apresentou a capa do livro, propondo perguntas à turma, como: “Quem será essa menina que aparece na capa do livro?”, “Por que vocês acham que o livro se chama *Esse livro comeu meu cão?*” e “O que vocês acham que vai acontecer na história?”. As crianças responderam rapidamente às questões e até observaram que, na contracapa, havia a imagem de um cachorro, o que gerou novas discussões entre o grupo. Assim, o momento lúdico e de conversas mostram uma intencionalidade pedagógica por meio da literatura.

O diálogo da turma é um dos principais elementos a serem trabalhados nessa atividade, principalmente no início, uma vez que as crianças têm espaço para falar, ouvir e interagir durante a roda. Nesse sentido, o ato de estabelecer conversas com os alunos sobre o assunto do livro os estimula a compartilhar suas ideias e a capacidade de relacionar o conhecimento que elas já possuem e o novo conhecimento apresentando. Além disso, os pequenos também passam a conhecer novas palavras por meio da literatura, dando um salto no desenvolvimento da linguagem, conforme expresso no texto abaixo:

Em educação infantil, é de suma importância que o professor trabalhe a oralidade, visando a alfabetização e letramentos. Tal trabalho, de forma lúdica e significativa, irá despertar a motivação nas crianças, o que fará com que aprendam com significância, por meio do simbolismo e da brincadeira. A partir deste trabalho sistemático e intencional, haverá a compreensão dos conceitos da língua materna, da língua falada e escrita, do sistema alfabético e sua organização fonética. (Alves, 2019, p. 214)

Conforme a criança desenvolve a oralidade, ela passa a adquirir consciência fonológica, tornando-se capaz de identificar e manipular os sons da fala (fonemas). Essa habilidade é fundamental para compreender a relação existente entre os sons e as letras, constituindo uma etapa essencial no processo de alfabetização e letramento. No entanto, para que o vocabulário infantil se torne cada vez mais amplo e significativo, é necessário que as atividades propostas estejam vinculadas a textos cujas palavras sejam práticas, contextualizadas e apropriadas para a realidade das crianças. Dessa forma, elas podem utilizar esse repertório em situações do cotidiano, compreendendo de maneira concreta o significado dos termos aprendidos, e não apenas reproduzindo palavras que permanecem no campo abstrato das ideias.

No entanto, é possível trabalhar apenas o significado das palavras com a turma, mesmo que essas não passem a ser utilizadas com frequência no vocabulário das crianças. Essa abordagem contribui para a construção gradual do conhecimento e respeita o ritmo de desenvolvimento da linguagem. Um exemplo disso é a palavra “envelope”, presente no livro. É provável que, no cotidiano, os alunos não façam uso desse termo ou sequer tenham contato direto com envelopes, já que, no contexto tecnológico em que vivemos, seu uso tornou-se pouco comum. Ainda assim, é essencial que as crianças compreendam o que é um envelope e reconheçam seu significado, ampliando, assim, seu repertório linguístico.

A atividade de identificação de palavras simples presentes no texto foi organizada da seguinte forma: O aluno estagiário colocou um TNT azul no chão e vários cartões com sílabas diferentes, em seguida, pegou uma lista contendo algumas palavras simples retiradas do livro que poderiam ser formadas com aquelas sílabas. Depois, explicou a turma que aquela atividade se tratava de um “Rio de Palavras” e algumas palavras haviam caído no rio quando o livro foi balançado durante a leitura. Assim, o objetivo era ajudar a personagem da obra a localizar as sílabas para formar as palavras e colar elas no cartaz. A partir disso, o estagiário foi chamando os alunos (individualmente, em duplas ou em grupos de três ou quatro crianças) e dizendo as palavras presentes na lista para que eles localizassem cada uma das sílabas e depois, mostrassem para a sala e colassem no cartaz.



Com essa atividade, foi possível observar as hipóteses da escrita elaboradas pelas crianças, uma vez que ao buscar as sílabas correspondentes às palavras ditas, algumas delas utilizaram estratégias como a identificação apenas da letra inicial, outras procuraram representar cada som por uma letra, enquanto algumas já demonstraram compreender a necessidade de combinar mais letras para formar a sílaba. Um exemplo ocorreu quando foi solicitado a dois alunos que procurassem a sílaba da palavra “comeu”. O aluno que ficou responsável por identificar a sílaba “co”, conseguiu compreender que ela possuía a letra “c”, mas demorou para localizar a letra “o”, confundindo com outras sílabas que possuíam a letra “c” presentes nos cartões espalhados no TNT, como “ca” e “ce”.

A atividade do “Rio de Palavras” evidencia os diferentes níveis de escrita elaborados por Emília Ferreiro e Ana Teberosky. Nesse sentido, é importante destacar que tais momentos de aprendizagem não devem ser reduzidos a simples exercícios de memorização de letras e sílabas, mas compreendidos como oportunidades de análise do processo cognitivo das crianças diante da língua escrita. Parafraseando Ferreiro e Teberosky:

Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atras disso, há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (Ferreiro e Teberosky, 1999, p. 17)

Ao vivenciarem práticas que unem ludicidade e reflexão sobre o funcionamento da escrita, as crianças demonstram que estão muito além da simples reprodução, pois interpretam, constroem significados e elaboram conhecimentos que se consolidam progressivamente. Dessa forma, atividades de caráter lúdico, que permitem que a criança explore novos recursos e não fique apenas memorizando letras e sílabas, enriquecem o processo de alfabetização e possibilitam que o aprendiz desenvolva autonomia, crie vínculos mais significativos com a leitura e a escrita e perceba a linguagem como um instrumento vivo de comunicação, expressão e interação social.

Na última parte da regência, foram distribuídos vários gizes de cera às crianças, que se organizaram ao redor do cartaz, o qual continha algumas palavras coladas, para desenhar nos espaços vazios os elementos que haviam compreendido da história. A maioria conseguiu registrar no cartaz aspectos presentes na narrativa, como desenhos de cachorros, da personagem principal da obra e dos automóveis que aparecem para ajudá-la. Entretanto, alguns alunos desenharam elementos aleatórios ou apenas fizeram rabiscos nas folhas, o que indica que não assimilaram os principais pontos da narrativa ou preferiram usar a imaginação para criar livremente. Em ambos os casos, esses últimos não atenderam aos critérios previamente solicitados para a atividade.

De acordo com Silva e Souza (2011), o desenho pode ser compreendido como um recurso de mediação que possibilita à criança construir aprendizagens significativas. Para o adulto ou professor, essa prática deve ser entendida como uma etapa inicial que favorece tanto o exercício da imaginação quanto o desenvolvimento da linguagem e da escrita infantil. Assim, ao registrar graficamente o que compreenderam da narrativa, as crianças revelaram a capacidade de transformar a oralidade em representação simbólica. Esse processo evidencia que o desenho, aliado às práticas de leitura e contação de histórias, constitui um importante instrumento para integrar imaginação, linguagem e escrita no contexto da educação infantil.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO CELLIJ



Ao longo de um semestre, foi trabalhada com as crianças do projeto Cidade Escola o livro “A menina e o pássaro encantado” de Rubem Alves. A obra foi sugerida em uma das reuniões quinzenais do PIBID, com a presença da coordenadora, das supervisoras e dos alunos bolsistas. Sua escolha se deu devido as lições importantes abordadas de forma sensível e lúdica, como o verdadeiro sentido do amor e da amizade, a importância de deixar livres aqueles que amamos, a necessidade de aprender a esperar e a ter paciência, além de valorizar a beleza da imaginação e da fantasia. Também se destacou a contribuição da obra para a educação emocional, ao possibilitar que as crianças compreendam sentimentos como saudade, confiança, desapego e amor.

Para a contação de histórias, foi organizado na sala do CELLIJ um cenário inspirado nas cores e elementos do livro, composto por um fundo colorido em tons de pôr do sol, nuvens de algodão e um grande galho de árvore enfeitado com flores feitas de papel sulfite. Durante as apresentações, os bolsistas do período da manhã ficaram responsáveis por organizar os materiais que seriam utilizados nas contações realizadas à tarde. Normalmente, o atendimento era feito com uma ou duas turmas por dia, formadas por alunos de 8 a 11 anos.

A organização da contação estruturava-se em três momentos: a leitura do livro, um passeio com os alunos para que conhecessem a FCT-Unesp e, por fim, uma atividade artística de pintura de um pássaro, realizada com giz de cera ou tinta.

Durante a leitura, as crianças sentavam-se em bancos de madeira dispostos ao redor do cenário. Em algumas ocasiões, apenas um bolsista contava a história, passando entre os alunos reproduções plastificadas das páginas do livro para que as crianças pudessem observar melhor as ilustrações. Em outras, dois bolsistas se posicionavam atrás do cenário e davam voz aos personagens (a menina e o pássaro), enquanto outro, à frente, assumia o papel de narrador e conduzia a narrativa para a turma. Ao final da contação, os bolsistas se apresentavam e dialogavam com as crianças sobre a experiência, perguntando-lhes o que acharam da história e quais reflexões ou conclusões poderiam extrair da obra.

Nesse momento, as crianças se permitiam compartilhar sentimentos e experiências que poderiam relacionar com a obra, como, por exemplo, a tristeza e saudade de perder um ente querido ou um animal de estimação, bem como os ciúmes em relação aos pais e aos amigos. Nesse sentido, as narrativas que abordem temas capazes de refletir os sentimentos das crianças, como o amor, o ódio, o medo, a tristeza e a solidão são muito importantes (Santos apud Brenman 2012, p. 211). Assim, a literatura infantil torna-se um espaço de acolhimento e de expressão, permitindo que a criança elabore suas emoções, compreenda melhor seus próprios sentimentos e desenvolva maior sensibilidade em relação ao outro.

Além disso, a oralidade pode ser potencializada nesse processo, uma vez que o ato de narrar, recontar e dialogar sobre as histórias favorece a expressão das crianças, amplia seu repertório linguístico e possibilita a construção coletiva de sentidos. Ao compartilhar suas percepções em roda de conversa, elas não apenas exercitam a fala e a escuta atenta, mas também desenvolvem competências comunicativas essenciais para a formação social e cognitiva.

Durante o passeio pela FCT-UNESP, os bolsistas explicavam o que representava cada espaço da universidade e, sempre que possível, levavam os alunos para conhecer a biblioteca e seu acervo. Ao retornarem ao CELLIJ, iniciava-se um novo diálogo com a turma, destacando que o livro trabalhado fazia constantes referências às cores e que o amplo ambiente da faculdade também era repleto delas. Nesse sentido, o desafio proposto às crianças foi relacionar suas observações sobre o livro com o novo espaço explorado, identificando as cores presentes em ambos. Para isso, receberam moldes de passarinhos colados em uma folha branca, com a proposta de pintar ao redor da figura da maneira que desejassem; sem usar lápis de escrever,



apenas tinta ou giz de cera, posteriormente, o pássaro seria descolado, revelando um belo molde colorido.

Muitas foram as observações que as crianças conseguiram trazer através do desenho: Nas atividades feitas com tintas, algumas crianças exploraram as cores primárias para criar tons; algumas crianças retrataram as cenas do livro; já outras, preferiram desenhar o que viram durante o passeio da faculdade. Independente da opção que os pequenos escolheram, todas atenderam mais que perfeitamente o que havia sido solicitado e compreenderam muito bem o intuito da atividade.

De todos os desenhos produzidos, dois merecem destaque. No primeiro, um aluno representou uma das bolsistas do PIBID que havia levado sua bebê recém-nascida ao Cellij. Utilizando giz de cera, a criança elaborou um belíssimo desenho da mãe segurando a filha no colo, ocupando parte da folha de sulfite. No segundo, o aluno retratou uma exposição que estava acontecendo próximo à biblioteca, onde diversos fios coloridos estavam amarrados às árvores e espalhados pelo alto do espaço. Em um ponto mais afastado, esses fios se entrelaçavam, formando algo semelhante a uma grande teia de aranha. Nesse sentido, em “A importância do ato de ler: em três artigos que se completam” Paulo Freire diz:

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros - não importa se alfabetizando ou participantes de cursos universitários; se alunos de escolas do primeiro grau ou se membros de uma assembléia popular - o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. (Freire, 1989, n.p)

Assim, os desenhos realizados pelas crianças se configuram como uma forma de expressão de sua leitura de mundo, revelando como as experiências vivenciadas podem ser ressignificadas em produções simbólicas. Portanto, ao trazer para o papel aquilo que observa e sente, a criança afirma sua voz e sua subjetividade, cabendo ao educador acolher e escutar essas manifestações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo contribui para reforçar como a literatura infantil é um importante meio para o processo de desenvolvimento da oralidade e da escrita através de exemplos práticos vivenciados pelo aluno bolsista do PIBID, bem como para afirmar práticas docentes lúdicas que favorecem o início da alfabetização e a formação integral das crianças através da contação de histórias.

Nesse sentido, a literatura infantil desempenha um papel de pilar na aprendizagem dos pequenos, pois é por meio dela que as crianças poderão explorar competências que serão extremamente importantes na vida adulta, tais como a criatividade, a capacidade de interpretação, a autonomia no uso da linguagem, o desenvolvimento do pensamento crítico e a sensibilidade para compreender o outro e o mundo que as cerca. Dessa forma, reafirma-se a relevância de inserir a literatura como recurso pedagógico constante no cotidiano escolar, fortalecendo não apenas o processo de alfabetização, mas também a construção de sujeitos mais reflexivos, participativos e conscientes de seu papel social.

As contações de história devem ir além da simples leitura de um livro e da transmissão de informações ao aluno. Elas precisam ser compreendidas como experiências significativas, capazes de promover a criação de vínculos afetivos entre o professor e a criança. Esses momentos de escuta e partilha favorecem a construção de um ambiente acolhedor, no qual a criança se sente segura para se expressar. É nesse espaço de confiança que se tornam possíveis



diálogos construtivos e enriquecedores, que contribuem de maneira efetiva para a formação integral de cidadãos críticos, sensíveis e conscientes.

Além disso, ao interagir com o professor durante e após a contação de histórias, a criança desenvolve sua oralidade de forma natural e significativa, ampliando seu vocabulário, organizando melhor suas ideias e aprendendo a estruturar o próprio pensamento. Esses elementos são fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e constituem as bases necessárias para que ela possa, gradualmente, iniciar o processo de escrita com mais autonomia e criatividade, tornando-se, por fim, alfabetizada.

Nesse sentido, cabe ao docente atuar como mediador no processo de ensino-aprendizagem, sendo o elo entre o conhecimento e os alunos. Para isso, é fundamental que o professor cultive o gosto pela leitura e tenha o hábito de ler não apenas por obrigação, mas como forma de ampliar seu repertório e selecionar, com intencionalidade, os materiais mais adequados às necessidades e interesses da sua turma.

Também é essencial que ele compreenda a contação de histórias não como uma atividade isolada ou meramente recreativa, mas como uma valiosa oportunidade pedagógica para o desenvolvimento de múltiplas competências nos alunos. Dessa forma, é importante que o docente busque integrar as contações de histórias à rotina da sala de aula o quanto antes, de maneira consistente e significativa, para que, desde os primeiros anos, as crianças criem vínculos afetivos com os livros, desenvolvam o gosto pela literatura e passem a valorizar o momento da leitura como algo prazeroso e enriquecedor.

Com base no exposto, é possível desenvolver uma variedade de atividades pedagógicas a partir da contação de histórias, que envolvam de forma lúdica e significativa as crianças no processo de aprendizagem. Após a contação, por exemplo, o professor pode propor rodas de conversa para que os alunos expressem suas opiniões, compartilhem sentimentos e reflitam sobre os acontecimentos e personagens da história, incentivando assim o desenvolvimento da oralidade e da escuta ativa. Atividades como recontar a história com as próprias palavras, dramatizações, produção de desenhos sobre as cenas mais marcantes ou até a criação de finais alternativos também são estratégias eficazes para estimular a criatividade, a interpretação e a produção textual.

Além disso, é possível trabalhar aspectos linguísticos e estruturais dos textos, como a identificação de personagens, sequência dos fatos, uso de pontuação e organização narrativa, o que contribui diretamente para a aquisição da leitura e da escrita. A contação de histórias também pode ser um ponto de partida para projetos interdisciplinares, integrando temas de ciências, matemática ou estudos sociais, por meio de enredos que abordem, por exemplo, questões ambientais, valores éticos ou diversidade cultural. Logo, a literatura infantil deixa de ser apenas um momento isolado e passa a ocupar um lugar central no planejamento pedagógico, servindo como uma poderosa ferramenta para o desenvolvimento integral dos alunos.

Diante de tudo o que foi discutido, pode-se afirmar que a literatura infantil, especialmente por meio da contação de histórias, constitui um recurso pedagógico essencial para o desenvolvimento global das crianças, favorecendo não apenas o processo de alfabetização, mas também aspectos emocionais, sociais e cognitivos. Ao ser integrada de forma intencional e contínua à rotina escolar, ela potencializa a aprendizagem de maneira lúdica e significativa, promovendo o desenvolvimento da oralidade, da escrita, da criatividade e do pensamento crítico.

Para isso, é indispensável o papel ativo do professor como mediador, capaz de transformar cada história em uma experiência enriquecedora e formativa. Portanto, investir em práticas pedagógicas que valorizem a literatura desde os anos iniciais da educação infantil é investir na formação de sujeitos mais sensíveis, críticos, autônomos e preparados para atuar com consciência no mundo que os cerca.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **A importância das histórias**. Blogpost: Luz do conto, 2012.

ALVES, Simone Silva Santos. **O papel da oralidade para o desenvolvimento do letramento em crianças da educação infantil**. Anais do Seminário Interlinhas, v. 2019.1, Fábrica de Letras, p. 211-215, 2019.

ESTRELLA, Mônica Duarte Silva; SOUSA, Rafael Rossi de. **Oralidade e alfabetização: implicações dos gêneros orais para o ensino e a aprendizagem**. Revista Educação Pública, v. 21, n. 24, 29 jun. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/24/oralidade-e-alfabetizacao-implicacoes-dos-generos-orais-para-o-ensino-e-a-aprendizagem>. Acesso em: 21 set. 2025.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, v. 4).

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Corrêa de. **Psicogênese da língua escrita: contribuições, equívocos e consequências para a alfabetização**. Revista Conteúdo e Didática de Alfabetização, Presidente Prudente: UNESP, p. 36-55.

SANTOS, Fernanda Marsaro. **Estudo de caso como ferramenta metodológica**. Meta: Avaliação, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, p. 344-347, set./dez. 2011.

SANTOS, Rita de Cássia Alves Lopes dos. **Reflexões sobre a arte de contar histórias**. Revista Educação Pública, v. 20, n. 5, 04 fev. 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/reflexoes-sobre-a-arte-de-contar-historias>. Acesso em: 21 set. 2025.

SILVA, Emanoela Cargnin da. **Uma boa história, um bom contador, uma criança e a imaginação: características da contação de histórias**. Revista Educação Pública, v. 21, n. 22, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/22/uma-boa-historia-um-bom-contador-uma-crianca-e-a-imaginacao-caracteristicas-da-contacao-de-historias>. Acesso em: 21 set. 2025.

SILVA, Marcilene do Nascimento; SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **A imaginação e a linguagem expressas no desenho da criança**. Eventos Pedagógicos, v. 2, pág. 123–131, 2011
SOARES, Magda Becker. **As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto**. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel (Orgs.). *Leitura – perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2000.

VITOR, Ana Maria; DOS SANTOS, Silvair Félix. **A CONTRIBUIÇÃO DE CONTAR HISTÓRIAS NO PROCESSO DE LEITURA**. Anais do Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do Câmpus Anápolis de CSEH (SEPE)(ISSN 2447-9357), v. 3, 2017.



VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e criação na infância**. São Paulo: Ática, 2009.

